

A ALEGRIA COMO REGÊNCIA DO CHÃO AFRO-BRASILEIRO DA ACADÊMICOS DO SALGUEIRO¹

The Afro-Brazilian ground “joy” is
a positive tool to face daily life

La alegría como regencia del suelo
afro-brasileño de la Acadêmicos do Salgueiro

Vítor Gonçalves Pimenta ²

Resumo:

Neste trabalho, busco pensar o saber corporal do chão afro-brasileiro da escola de samba Acadêmicos do Salgueiro, tratando principalmente de analisar a “alegria” dos/as componentes no dia do desfile. O chão da escola corresponde à comunidade do Salgueiro, ou seja, um grande grupo de corpos, que se subdividem nas diversas alas que compõem a agremiação, responsável pelo assentamento da escola. A comunidade é formada pela ala das baianas, a ala da Velha Guarda, os três casais de mestre-sala e porta-bandeira, a ala dos/as passistas, a ala da bateria, as alas que contam o enredo da escola e, ainda, os componentes das alegorias, a equipe do carro de som, formada por músicos e intérpretes e os diretores de harmonia. Assim, partindo de uma observação participante e dançante, o objetivo é refletir sobre a “alegria” da comunidade como sentimento positivo diante do mundo, ou seja, ela é um recurso para enfrentar a vida.

Palavras-chave: Chão Afro-brasileiro; Alegria; Acadêmicos do Salgueiro; Escola de Samba.

Abstract:

In this work, I seek to investigate about body knowledge from the Afro-Brazilian standpoint, analyzing principally the “joy” of the members at the Acadêmicos do Salgueiro samba parades, in Rio de Janeiro. This Samba School’s ground matches with Salgueiro Community as a large group of bodies organized in several wings, known as alas, that make up the School’s settlement. Traditionally, a Samba School identity consists of the Baianas and Old School Wing; three couples of Master of Ceremonies and Flag Bearer Lady; the Dancers or Passistas; the Drums, a team of musicians and singers broadcasted by a sound system truck and Harmony Directors and other groups that tell the story or explain the samba-plot in allegorical fashions. Based on my own personal perspective as a dancer and a Salgueiro’s member, I intend to think how this community “joy” is a positive tool to face daily life.

Keywords: Afro-Brazilian; Joy; Acadêmicos do Salgueiro; Samba School.

¹ Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020, sem as imagens.

² Laboratório de Etnografia e Estudos em Comunicação, Cultura e Cognição (LEECCC-UFF)

Resumen

En este trabajo, trato de pensar en el saber corporal del suelo afrobrasileño de la escuela de samba Acadêmicos do Salgueiro, tratando principalmente de analizar la “alegría” de los/as componentes en el día del desfile. El suelo de la escuela corresponde a la comunidad de Salgueiro, es decir, un gran conjunto de cuerpos, que se subdividen en las distintas alas que integran la comparsa, encargadas del asentamiento de la escuela. La comparsa está formada por el ala de las baianas, el ala de la Velha Guarda, las tres parejas de “mestre-sala e porta-bandeira”, el ala de los/as bailarinas pasistas, el ala de la batería, las alas que cuentan la trama de la escuela y, todavía, los componentes de las alegorías, el equipo del coche de sonido, composto por músicos e intérpretes, y los directores de armonía. Así, a partir de una observación participante y danzante, el objetivo es reflejar sobre la “alegría” de la comunidad como un sentimiento positivo hacia el mundo, es decir, ella es un recurso para afrontar la vida.

Palabras clave: Suelo Afro-brasileiro; Alegria; Acadêmicos do Salgueiro; Escuela de Samba.

Apresentação

Neste artigo³, busco analisar a “alegría” no grande dia da vida dos/as componentes que é o dia do desfile oficial do grupo especial das escolas de samba do Rio de Janeiro, especificamente na escola Acadêmicos do Salgueiro. A “alegría” é experimentada via “corpo comunitário”, “uma vivência do corpo singular como não separado, não isolado das coisas e dos outros corpos” (GIL, 1980, p. 48), quando os múltiplos corpos se encontram para realizar a performance da agremiação. Ao investigar a “alegría” dos/as componentes, procuro mergulhar nos movimentos dos corpos afro-brasileiros que elaboram um saber estético e político (TAVARES, 2020) ao desfilar na avenida e investigar o saber corporal (TAVARES, 2012) das alas da comunidade, a partir da experiência cantante, dançante, brincante e das narrativas dos/as componentes, apresentados no momento da entrevista⁴.

Essas alas da comunidade na escola de samba Acadêmicos do Salgueiro destacam-se por exibir um “chão” forte, que disputam quesito a quesito com as coirmãs pelo título de campeã do carnaval carioca. Na percepção dos/as componentes, ter um “chão” forte é reunir um grupo de corpos identificados com o pavilhão da escola e com o samba de maneira geral. É viver, experimentar, ensaiar a construção da escola no seu dia a dia e, ainda, ser a escola corporalmente falando no dia do desfile.

Nos ensaios e nos desfiles, esse conjunto de alas forma a famosa comunidade da escola de samba. As alas podem ser descritas como unidades básicas ou células organizacionais das escolas de samba. Na Acadêmicos do Salgueiro, temos a ala das baianas, a ala da Velha Guarda, a ala dos compositores, os três casais de mestre-sala e porta-bandeira, a ala dos/as passistas, a ala da bateria, a ala Maculêlê com coreografia, as alas que contam o enredo da escola e, ainda, os componentes das alegorias, a equipe do carro de som, formada por músicos e intérpretes e os diretores de harmonia.

Todos esses corpos constroem o “chão” afro-brasileiro da escola, que corresponde à comunidade do Salgueiro em movimento, ou seja, um grande grupo de corpos, principalmente, pretos e pardos, que se subdividem nas diversas alas e segmentos que compõem a agremiação, responsável pelo assentamento da escola e pelos movimentos de “alegría” no dia do desfile.

³ Agradeço ao professor Julio Cesar de Tavares, meu orientador, por me guiar no mundo acadêmico. Agradeço à amiga Lívia Buxbaum pela ajuda com a tecitura encantada das palavras, amigo Marcus César pela ajuda mágica com a língua inglesa e ao amigo Nestor Mora pela força vital com a língua espanhola.

⁴ A pesquisa foi realizada entre os preparativos do carnaval de 2016 e o desfile do carnaval de 2020. Especificamente, as entrevistas semiestruturadas foram realizadas nos anos de 2017 e 2018.

Nesse grande dia, a alegria emanada pelos corpos em movimento pode ser percebida como uma postura positiva da comunidade diante do desafio de colocar uma escola de samba na avenida. A alegria é uma regência, ou seja, ela é uma orientação que possibilita sujeitos e experiências. Não existe o sujeito da alegria precisamente, mas sim, o sujeito da emoção, o sujeito de um sentimento. Segundo Sodré (2017, p. 150), “a *alacridade/alegria* enquanto modo fundamental da *Arkhé* nagô não é um afeto circunstancial – portanto, nada que nasça e morra ocasionalmente – porque, como regime concreto e estável de relacionamento com o real, é uma *potência ativa*.” Como sentimento positivo diante do mundo, a alegria é um recurso para enfrentar a vida.

E é esse recurso que se apresenta como “potência ativa” no grande dia do ano na vida do/a componente, sujeito da emoção. Esse grande dia trata-se de um “grande ritual urbano contemporâneo, uma competição na qual as escolas rivalizam entre si diante de um objetivo valorizado por todas (ganhar o campeonato) e controlam a rivalidade por meio de regras comuns (os quesitos de julgamento) renovadas por consenso de ano a ano.” (CAVALCANTI, 1999, p. 74). O/a componente espera o ano inteiro para ser a escola em movimento naquela noite de carnaval.

A alegria do chão afro-brasileiro

A grande noite do desfile da escola de samba é revelada por lágrimas, sorrisos, gritos, suspiros, fortes emoções, principalmente, quando os/as componentes ouvem os gritos de guerra dos intérpretes, a explosão dos fogos de artifícios nas cores da agremiação e o barulho do público na entrada da escola. O samba de esquentar, um samba famoso da escola, inicia e aquece os corpos dos/as componentes. Nesse instante, os corpos começam a cantar e a se movimentar. A caminhada até a entrada da Rua Marquês de Sapucaí é tensa. A virada para entrar na avenida é dramática especialmente para as alegorias. Cada componente acompanha atentamente os movimentos da alegoria que se encontra a sua frente. Todos os/as componentes torcem e rezam internamente o desfile inteiro para que os carros alegóricos contornem a curva e percorram o trajeto de 700 metros de extensão da Avenida sem sobressaltos. Apesar do drama, dos percalços e da tensão experimentados pelos/as componentes nesse ritual, o desfile é encarado com alegria e determinação. É uma entrega de corpo inteiro ao carnaval da escola.

Nessa entrega existencial, os corpos se enchem de vontade de fazer o melhor desfile de suas vidas com muita alegria. A expectativa é cantar, dançar, brincar com toda intensidade se empenhando ao máximo em nome do Salgueiro. Os corpos são tomados por uma atitude positiva na avenida. O desejo é contagiar todos os corpos presentes naquela manifestação, inclusive o público, e realizar um belo desfile e alcançar o título de campeã. O intuito de fazer um belo trabalho não é um ato solitário. Cada componente torce para si e para cada componente da escola. Essa postura positiva diante da performance na avenida é uma potência que ativa a escola coletivamente na realização do desfile.

Nesse dia especial, a “*ansiedade*”, o “*nervosismo*”, o “*medo*”, o “*friozinho na barriga*” tomam conta dos corpos. “*Com anos de Sapucaí, ainda fico nervoso, ansioso até hoje, quando anuncia ‘Atenção Sapucaí, Acadêmicos do Salgueiro’. Solta os fogos... é como se soltasse os fogos dentro de você. Quando toca a sirene, acabou, o coração acelera*”. “*É um nervoso que eu sei me controlar, porque eu sei que se eu ficar nervosa, a pressão sobe*”. “*A emoção é tanta que eu preciso controlá-la*”. “*Aquilo é uma emoção. Aquilo mexe, quando toca aquela sirene. É uma emoção olhar pra arquibancada, olhar pra tudo. Ali é um mundo, é como se você estivesse no teatro. No palco do Teatro Municipal*”. “*Só sabe quem tá ali, só sente quem tá ali*”. (COMPONENTES, 2017)⁵.

⁵ Componentes aqui são os/as/es membros da ala da agremiação. Destaco com essas narrativas não o corpo individual, mas sim o corpo comunitário da escola de samba. Assim, as referências que se seguem são denominadas como componentes ou componente (diversas pessoas).

Nessa mistura de sensações e emoções, os componentes e as componentes pensam, sentem, torcem para que no desfile “*dê tudo certo*” (COMPONENTE, 2018). Muitos rezam pedindo a Deus e a outras entidades que corra tudo bem. O imprevisto, como um carro quebrado, é algo que não sai da cabeça e dos corpos dos/as componentes. Os corpos se dividem entre a ansiedade de um bom desfile e a expectativa de realizar um bom desfile, cantando, dançando, brincando, contagiando toda gente. Para os/as componentes, desempenhar um bom papel na avenida é: cantar e dançar do começo ao fim; ajudar a evolução da escola, não deixando buracos entre um/a componente e outro/a – “*Vambora, vambora... olha o buraco e vamos*” (COMPONENTE, 2017); contribuir com a harmonia da escola, cantando e vibrando coletivamente com o corpo da escola e contagiando o público; apoiar o/a componente do lado dando forças para que ele/a chegue até ao fim do desfile – “*Está pesado, mas vamos até o final juntos*” (COMPONENTE, 2018), não deixar nenhum pedaço da fantasia cair; manter o equilíbrio das energias para não deixar o corpo cair no chão da avenida.

Segundo os/as componentes da escola, o dia do desfile é uma mistura de sentimentos. Para uns, “*o sentimento é de uma bomba atômica, ou seja, a vontade é de explodir gritando o samba. É olhar o público e falar: ‘Eu estou aqui, pode me assistir e me fotografar’*” (COMPONENTE, 2017). Estar na Sapucaí é uma emoção muito grande. Alguns componentes descrevem como um momento único. “*Poucas coisas me deixam tão feliz*” (COMPONENTE, 2017). Além disso, eles/as sentem uma emoção muito grande quando percebem o povo cantar e brincar junto com a escola. Uma das piores coisas que podem acontecer na avenida é passar e ver o público desanimado sem cantar o samba-enredo.

O dia do desfile é aguardado o ano inteiro. Ele é um dia ímpar, maravilhoso, “*apoteótico*” (COMPONENTE, 2017) Segundo os/as componentes, para desfilar vale qualquer sacrifício. O sentimento de pisar na avenida é de êxtase total. Para alguns, desfilar é renascer para a vida. É o dia que o coração bate especial. O coração acelera. “*O coração bate a mil por hora*” (COMPONENTE, 2017). É o dia que você é o/a artista, quando milhares de pessoas pagam para ver os/as componentes desfilerem.

Nesse dia, é preciso ter responsabilidade, fazer bonito e dar tudo de si para que não haja erros. “*Você está ali com a fantasia, defendendo a agremiação. A escola acreditou em você pra você fazer um bom desfile*” (COMPONENTE, 2018). Na avenida, quem desfila está em um grande palco. Para alguns componentes, quem está ali é o centro das atenções. O foco do espetáculo é a escola formada por componentes e carros alegóricos. Para outros/as, o dia do desfile, é uma mistura de dever cumprido e alegria. “*É tão bom, que quando acaba dá vontade de voltar e continuar desfilar. É uma alegria contagiante, pulsa dentro do peito. Coração bate de um lado para o outro. Você fica trêmulo, nervoso, mas de alegria. É muito bom*” (COMPONENTE, 2018).

Cada desfile é único. Aqui investigo os movimentos de alegria das alas da comunidade, principalmente das alas que contam o enredo da escola, a partir dos corpos afro-brasileiros dos/as componentes. Depois da curva, ao pisar na Rua Marquês de Sapucaí, os/as componentes encontram o público do setor 1 à esquerda, conhecido por ser o setor mais popular do sambódromo. Os olhares de admiração e espanto, os gritos e os gestos de força são sentidos por todos os corpos. As formas, cores, texturas dos carros alegóricos e fantasias chocam o público. O público espera ser surpreendido com a estética de cada escola. Desfilar na Sapucaí é interagir com o público do setor 1 até o fim nos setores 12 e 13, cantando e dançando com toda a força o samba-enredo da escola. Desfilar é estar imerso na música do samba-enredo.

O desfile é música, no sentido de algumas línguas africanas (o kimeru, p. ex., falada numa região do Quênia), ou seja, “música” tem o mesmo sentido de canto e dança. Tem uma força vital incrível, pois reúne todos os corpos da escola para celebrar sua existência e sua história. Ao cantarem e dançarem coletivamente, os corpos atualizam os saberes da escola e realimentam a sua força cosmológica. Para Sodré (2017, p. 144), “pela dança, veículo rítmico, ponte suposta de acesso às forças cósmicas, a potência humana revitaliza-se.” A dança é a possibilidade do encontro com o cosmos. A dança é o encontro com a existência do ser.

Nesse movimento sonoro e corporal de encontro consigo e com o mundo ao redor, o ritmo atravessa do começo ao fim a celebração da escola. É interessante percebermos que nas tradições afro-brasileiras, o corpo e o som (ritmo sonoro) provocaram uma identidade corporal e musical que não é usual, cujo corpo se transforma em um centro emissor de energias (TAVARES, 2012). O ritmo está presente no canto, na bateria, nas danças das alas, nos passos coreografados, enfim, em todos os movimentos da escola. E a construção e percepção do ritmo se dão por meio de um processo de escuta integral. “Há nessa escuta vigor ontológico, [...] uma espécie de filosofia social em ação, tal como aconteceu nos Estados Unidos quando o jazz transformou o modo estabelecido de sentir, dando-lhe uma nova forma.” (SODRÉ, 2017, p. 145). Assim, segundo o autor, nessa experiência de sentir de corpo inteiro, estabelece-se uma “fenomenologia do sentir” que reverbera fenômeno e pensamento simultaneamente.

Na escola de samba, pode-se refletir sobre uma filosofia social em ação, uma vez que nos terreiros/quadras as pessoas se reúnem, trocam experiências, estabelecem redes de solidariedade e fazem a festa. O samba é um modo de experimentar e sentir o mundo. O/a sambista é aquele/a que pertence ao mundo do samba (LOPES; SIMAS, 2015) e o experimenta com alegria. “A corporeidade está no centro disso tudo. No jazz e em outras formas musicais diaspóricas, origina-se da organização rítmica e gestual uma matriz corporal que se des-territorializa e que viaja, acionada pela alegria.” (SODRÉ, 2017, p. 146). Nessa perspectiva analítica, Sodré (2017, p. 83) busca desvelar “a atualidade manifestada como expansão e continuidade de um princípio que chamamos de *Arkhé*. Esta é sentida como irradiação de uma corporeidade ativa, da qual provém a potência (*axé*) com seus modos de comunhão e diferenciação.” Nos movimentos corporais da escola, percebe-se a potência do chão afro-brasileiro, que cria o desfile na sua performance, dançando, cantando, batucando, brincando, sorrindo, etc. O chão da escola de samba é um rio potente onde confluem diversos corpos em movimento (SANTOS, 2018), arrastando com energia vibrante e positiva os demais corpos presentes nesta grande manifestação corporal.

Centrado em uma corporeidade dinâmica, a prática da escola produz outro sistema de pensamento. Essa forma de pensamento “é uma provocação à reversibilidade dos tempos e à transmutação dos modos de existência.” (SODRÉ, 2017, p. 23). Essa ideia quebra a visão de nação vista como imutável e vislumbra um projeto dinâmico de existência diverso, cujo corpo é o centro da vida. Nesse processo de existir em movimento na avenida, um corpo experimenta sua presença no mundo em relação a outro corpo, e não de maneira individual. Assim, esses corpos que fazem o desfile não existem isoladamente, mas sim como parte de um chão, de uma comunidade, de uma escola, de uma cosmologia. O corpo na avenida reverbera uma composição holista, comunitária cujo corpo existe amalgamado ao cosmos, à natureza, à comunidade (LE BRETON, 2011).

Essa participação presente no seio da coletividade de uma escola de samba é identificada nas demais tradições afro-brasileiras, cuja “existência do homem marca uma submissão fiel ao grupo, ao cosmo, à natureza, o corpo não existe como elemento de individuação, uma vez que o próprio indivíduo não se distingue do grupo, sendo, no máximo, uma singularidade na harmonia diferencial do grupo.” (LE BRETON, 2011, p. 33). Segundo o autor, se nas sociedades ocidentais o corpo se vê isolado, separado dos outros corpos, do cosmos e de si mesmo, nos grupos tradicionais o corpo é vivenciado conectado com outros corpos, com a comunidade e com o cosmos.

No desfile do chão afro-brasileiro do Salgueiro, sente-se a força da performance coletiva dos corpos em movimento. Quando os corpos cantam e dançam coletivamente, eles não se veem e não agem isoladamente dos demais. Um corpo quando se movimenta na avenida não se limita pelos contornos do seu corpo. “Sua pele, e a espessura da sua carne, não delineiam as fronteiras de sua individualidade. O que entendemos por pessoa é concebido nas sociedades africanas sob uma forma complexa, plural.” (LE BRETON, 2011, p. 36). Nessas sociedades de estrutura holista, o homem não é um corpo indivisível e distinto, mas ele configura-se como uma teia de relações, que se encontra ligado profundamente em uma comunidade.

“Estar-no-mundo” (TAVARES, 2012) para esses corpos afro-brasileiros é ter uma existência corporal que tem a consciência que a dimensão cotidiana e a dimensão cósmica estão interconectadas. Desfilando em uma escola de samba é movimenta-se na conexão do microcosmo do corpo com o macrocosmo do universo. Nesse sentido, a construção do “corpo comunitário” da escola de samba é um movimento voltado ao conhecimento corporal, que atinge seu ápice no dia do desfile oficial no sambódromo.

Buscando evocar e reverberar a potência da alegria do “corpo comunitário, apresento a seguir algumas imagens da última performace da Acadêmicos do Salgueiro realizada no carnaval de 2020.

A alegria em imagens – “O rei negro no picadeiro” (Salgueiro – 2020)⁶



Figura 1 e Figura 2 – Comissão de Frente: Beijo o picadeiro da ilusão

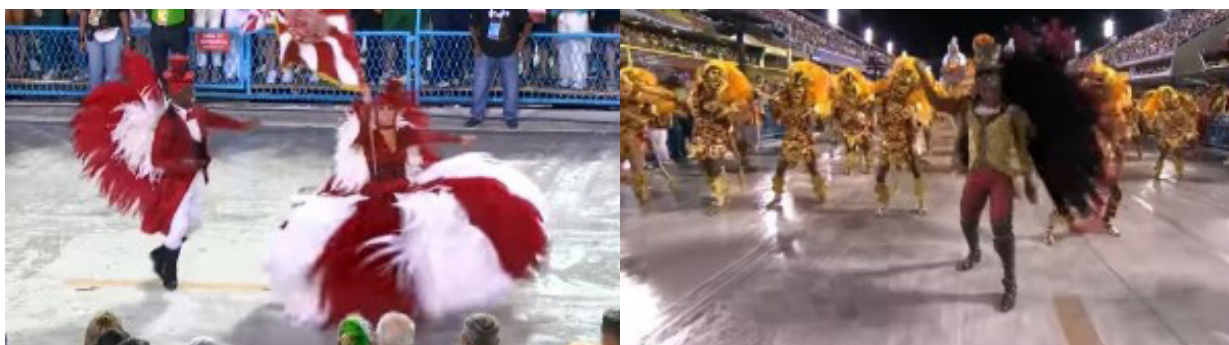


Figura 3 – 1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira – Sidclei Santos e Marcella Alves – O circo chegou!
Figura 4 – Solte suas feras



Figura 5 e Figura 6 – Ala 01: Solte suas feras

⁶ Imagens capturadas de vídeo na internet. Canal Enredo e Samba. Disponível em: <https://youtu.be/OQtSemDRo-Pw>. Acesso em: 30 out. 2020.

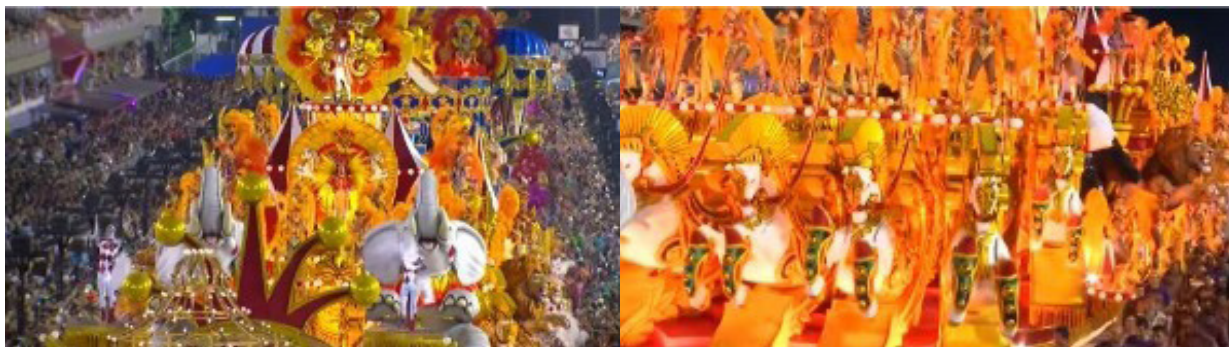


Figura 7 e Figura 8 – Abre-Alas: O maior espetáculo da terra

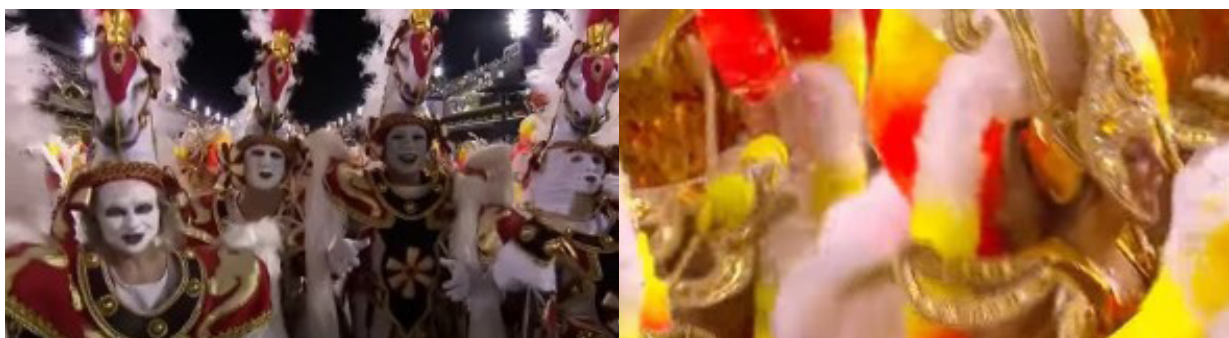


Figura 9 – Ala 02 – Ala Zuk: Circo de cavalinhos e Figura 10 – Ala 03 – A Amazona



Figura 11 – Alas e alegoria e Figura 12 – Ala 04 – O equilibrista

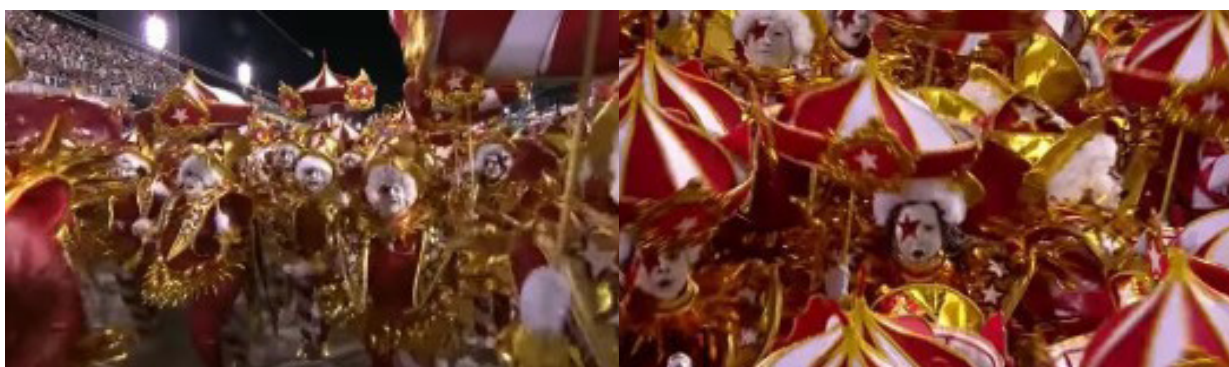


Figura 13 e Figura 14 – Ala 04 – O equilibrista



Figura 15 – Ala 05 – Truque de mágica e Figura 16 – Alas (vista aérea)



Figura 17 e Figura 18 – Ala 06 – Malabarista

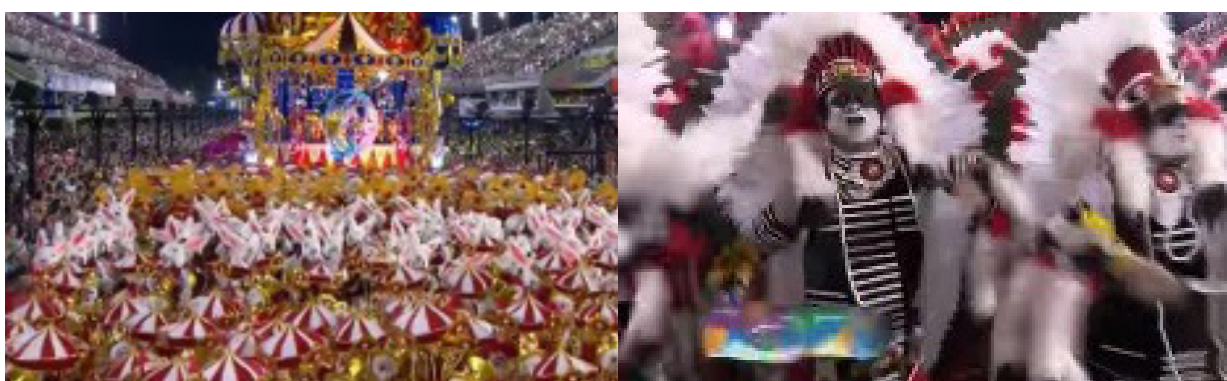


Figura 19 – Alas e alegoria e Figura 20 – Ala 07 – O atirador de facas

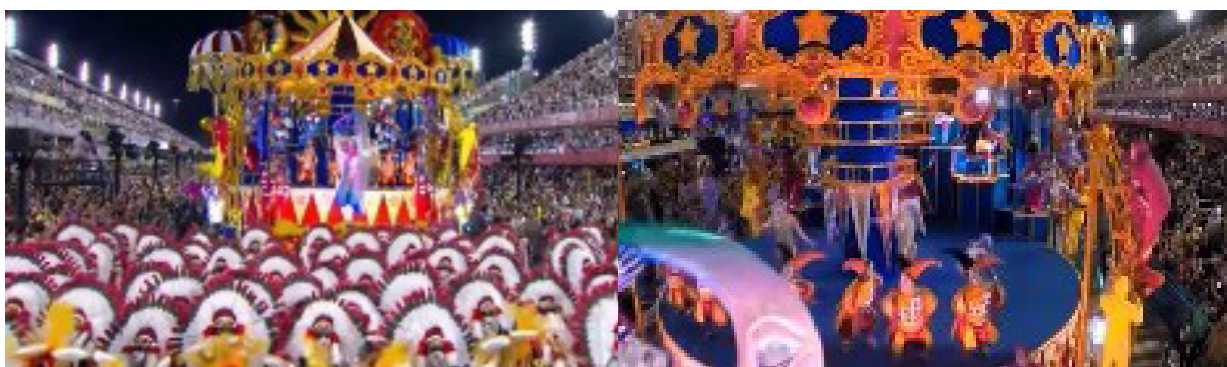


Figura 21 – Alas e alegoria e Figura 22 – Alegoria 02 – O Picadeiro



Figura 23 – Ala 08 – Ciganas videntes – A sorte está lançada e Figura 24 – Sambódromo (vista aérea)



Figura 25 – 2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira – Luan Castro e Natália Pereira – Cartas de Tarot e
Figura 26 – Destaque de Chão – Tia Glorinha – Cigana do clã

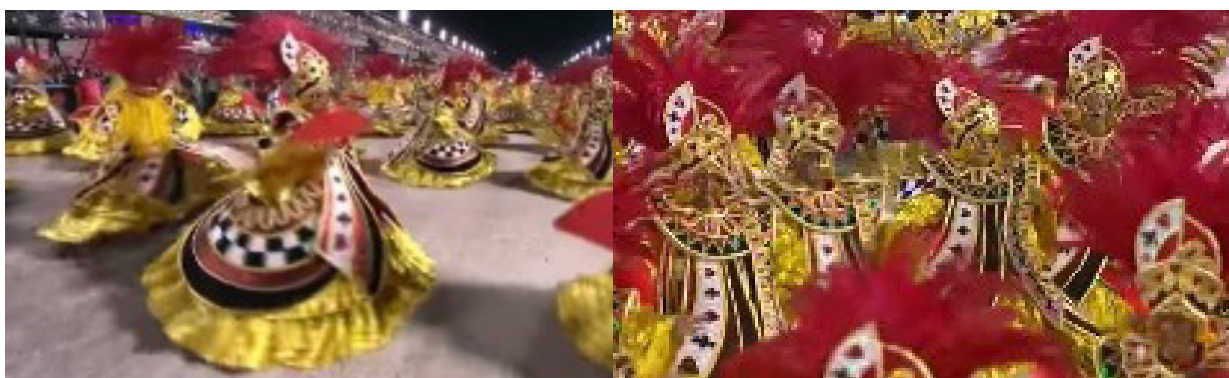


Figura 27 e Figura 28 – Ala 09 – Ala das Baianas – Cartomantes



Figura 29 – Ala 10 – Bateria – Tarot Cigano – Andarilho e Figura 30 – Equipe do carro de som



Figura 31 e Figura 32 – Ala 11 – Ala de Passistas – Dança cigana



Figura 33 – Ala 12 – Ciganos músicos e Figura 34 – Alegoria 03 – A Caravana cigana



Figura 35 – Alegoria 03 – A Caravana cigana e Figura 36 – Intérprete Emerson Dias – Ala 13 – Violoncelo

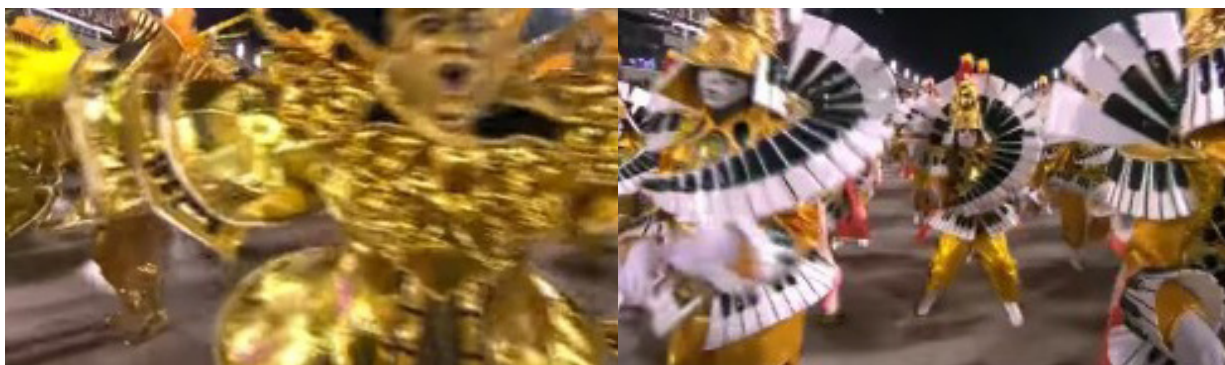


Figura 37 – Ala 14 – Sopros e Figura 38 – Ala 15 – Piano



Figura 39 – 3º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira Leonardo Moreira e Letícia Malaquias – Musical e Figura 40 – Ala 16 – Tambor



Figura 41 – Ala 17 – Acordeon e Figura 42 – Ala 18 – O palhaço cantor



Figura 43 – Ala 19 – Benjamin, O compositor e Figura 44 – Tripé – Música – Calíope



Figura 45 – Ala 20 – O Chico e o Diabo e Figura 46 – Ala 21 – Otelo, o mouro de Veneza



Figura 47 – Ala 22 – Peri – O Guarany e Figura 48 – Alas



Figura 49 – Alas e alegoria e Figura 50 – Ala 23 – A viúva alegre – A opereta



Figura 51 – Ala 24 – Momo, de “O cupido do oriente” e Figura 52 – Ala 25 – Velha Guarda – A bela época



Figura 53 – Ala 25 – Velha Guarda – A bela época e Figura 54 – Intérprete Quinho



Figura 55 – Ala 25 – Velha Guarda – A bela época e Figura 56 – Alegoria 04 – O Circo-teatro



Figura 57 – Alegoria 04 – O Circo-teatro e Figura 58 – Ala 26 – O bufão



Figura 59 – Ala 27 – Commedia Dell'arte – Arlecchino e Figura 60 – Alas



Figura 61 – Ala 28 – Clown e Figura 62 – Ala 29 – O palhaço Benjamin



Figura 63 e Figura 64 – Ala 30 – Ride palhaço



Figura 65 e Figura 66 – Alegoria 05 – Milhões de Benjamins

Prospectiva

Depois de inundarmos a nossa existência corporal com as imagens de alegria do chão afro-brasileiro da escola de samba Acadêmicos do Salgueiro, percebemos a energia coletiva positiva que atravessa cada corpo presente no sambódromo, apesar das tensões presentes em um desfile oficial de escola de samba do grupo especial do Rio de Janeiro. O canto, a dança e o batuque do samba-enredo afirmam um sentimento de encantamento com a escola. Nessa experiência corporal de completude e gozo, a alegria afro-brasileira é potente, fazendo-a acontecer de maneira exuberante.

Essa relação harmônica dos afetos não se configura como emoções ou sensações específicas, “mas de uma regência, ou uma subordinação de sentimentos a uma maneira, resultante de um dinamismo (garantido pelo axé) em que a linguagem é indissociavelmente semântica, afetiva e cósmica” (SODRÉ, 2017, p. 153). Para o autor, a alegria é um “*acmé* (em grego, ponta de um sistema ou ponto culminante de um processo) da afetividade litúrgico-comunitária, um regime autoengendrado, à maneira da própria vida que, irredutível a qualquer exterioridade, se autoexplica e se expande” (SODRÉ, 2017, p. 154). É um princípio filosófico ético que se percebe tanto nos terreiros quanto nas escolas de samba.

Na experiência de fazer o chão da escola, no ritual do desfile, a afetividade comunitária se expressa e se expande, revelando na avenida uma história de alegria, construída a cada carnaval. A missão de cada componente é “*mostrar essa coisa maravilhosa que é um desfile, que é uma ala, que é um mestre-sala, porta-bandeira, que é a bateria, que [...] mexe com a gente lá dentro. [...] É um mistério da alegria.*” (COMPONENTE, 2018). É o instante em que a comunidade expressa corporalmente o que ela é e tudo o que sente por ser a escola em movimento no dia do desfile.

Com a “regência da alegria”, o desfile se apresenta como uma congregação de corpos em movimento, que reverbera a integração dos/as componentes e a escola, formando o chão da escola. Desfilar é sentir

o corpo pulsar em harmonia com sua própria existência, conectado com a vibração positiva dos demais corpos, ecoando intensamente o samba-enredo por todos os poros.

Como se percebe, o desfile do chão afro-brasileiro do Salgueiro é experimentado de corpo inteiro, unindo as dimensões cotidiana e cósmica da vida. O desfile está ligado ao fazer a escola dentro de uma cosmologia que reverencia o “corpo comunitário” e os ancestrais. Esse momento singular é considerado o mais importante do ano para a maioria dos/as componentes, uma vez que esse instante sublime reverbera a “alegria” como forma de gerência da existência da comunidade.

Referências

CAVALCANTI, Maria Laura. *O rito e o tempo: ensaios sobre o carnaval*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

GIL, José. *As metamorfoses do corpo*. Lisboa: A Regra do Jogo, 1980.

LE BRETON, David. *Antropologia do corpo e modernidade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

LOPES, Nei; SIMAS, Luiz Antonio. *Dicionário da história social do samba*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

SANTOS, Antonio Bispo. Somos da terra. *Piseagrama*, Belo Horizonte, número 12, p. 44-51, 2018.

SODRÉ, Muniz. *Pensar nagô*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

TAVARES, Julio Cesar de. *Dança de guerra – arquivo e arma: elementos para uma Teoria da Capoeiragem e da Comunicação Corporal Afro-brasileira*. Belo Horizonte: Nandyala, 2012.

TAVARES, Julio Cesar de. *Gramáticas das corporeidades afrodiaspóricas: perspectivas etnográficas*. 1ed. Curitiba: Appris, 2020. p. 63-89.

Recebido em 31/10/2020

Aceito em 23/11/2020

